



Fotografia e Memória na recuperação histórica de Ivaiporã¹

Juliana Mastelini MOYSES²

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

O presente trabalho recupera parte da história de Ivaiporã (PR), entre os anos de 1948 a 1975, sob a ótica dos que ali viveram ou vivem, com o suporte das fotografias. Mais do que ilustrações, as fotografias são usadas como fonte de pesquisa histórica e auxílio à memória. O trabalho analisa o papel da fotografia como instrumento para a recordação, aliando o seu uso ao da história oral. As obras *Fotografia e História*, de Boris Kossoy e *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio*, de Michael Löwy são alguns dos referenciais teóricos do trabalho, por abordarem concepções menos rígidas e alternativas de história. O trabalho consegue, mesmo que parcialmente, dar voz aos que foram alijados no processo histórico, questão importante para a compreensão histórica, além de observar a relação que a fotografia estabelece com a memória.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia e memória; história oral; história de Ivaiporã (PR).

O presente trabalho constitui uma proposta de recuperar parte da história de Ivaiporã, por meio de relato oral, textos e imagens, juntos àqueles que vivenciaram os acontecimentos, e a partir daí, observar a relação existente entre fotografia e memória. Dessa forma, sistematizar os relatos para que a história daqueles que construíram a cidade não se perca e seja preservada para as gerações futuras, assim como torná-la acessível.

As fotografias serão usadas como “contadoras” de histórias e como instrumento auxiliar para a recordação e, portanto, reveladoras de outras histórias. Elas assumem um papel importante quando se busca contar a história a partir da perspectiva daqueles que presenciaram os acontecimentos, posto que as fotografias são auxiliadoras da memória. Elas despertam para um lugar, um fato, uma pessoa, que de outra forma não seria possível.

Referenciar a história a partir de memórias e de fotografias, e torná-la acessível, é contribuir para reforçar nas pessoas laços em comum e assim, preservar a identidade de um povo, seus costumes, cultura e tradição. Posto que as particularidades carregam

¹ Trabalho apresentado no IJ 04 – Comunicação Audiovisual do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011. O trabalho é um Projeto de Iniciação Científica sob a orientação do professor doutor Paulo César Boni

² Graduanda do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UEL, email: jumastelinimoyses@gmail.com



muito das características do grupo como um todo, abordar essas peculiaridades é também abordar a história coletiva.

O papel das fotografias foi analisado da seguinte forma: na entrevista com os pioneiros, o primeiro momento era direcionado às histórias espontâneas dos entrevistados e também aos questionamentos. No segundo momento, fotografias antigas da cidade eram apresentadas, pedindo para que eles discorressem sobre a imagem, com o objetivo de observar o que a fotografia despertava em cada um.

Fotografia e oralidade: história

“Toda fotografia tem atrás de si uma história” (KOSSOY, 2001, p. 45), e todo mundo tem uma história para contar. Conhecer essas histórias é conhecer também um pouco da história coletiva, já que aquelas falam muito do conjunto. Um dos instrumentos para isso é a história oral, que auxilia na tentativa de dar voz aos anônimos que têm muito que contar. Boing (2007) pontua que a utilização de dados orais “oferece lugar na história àqueles que não souberam e puderam se expressar”. Segundo ele, além de oferecer a outra versão dos fatos, com a história oral é possível uma interpretação mais aberta às diferenças, o que serve de base para o confronto de pontos de vista sobre um mesmo acontecimento. Passa-se a ouvir não só *uma* versão dos fatos, mas várias versões, o que facilita a compreensão da realidade.

As fotografias também representam um importante instrumento para se contar a história de um grupo de pessoas ou de um lugar. Barthes (1984) fala que uma fotografia é sempre invisível, não é a ela que vemos, é o que está além. Elas, mais do que a expressão estética de um momento recortado no tempo, contam muito do ambiente e da situação vivida. Desse recorte, elas carregam características peculiares, que contam muito dos hábitos, costumes e rotina de um povo, aguçando também a memória. Neste sentido, Barthes (1984, p.49) fala que “quando William Klein fotografa 'Primeiro de Maio', ensina-me como se vestem os russos (o que no fim das contas não sei): noto o grosso boné de um garoto, a gravata do outro...”

A fotografia é um documento que ajuda a contar a história a partir da presentificação de um momento visual vivido no passado. Ela familiariza um lugar, um instante a alguém que não esteve ali, naquela época. O recorte fotográfico atualiza um momento do passado (um recorte apenas) a cada novo olhar. Assim, aquele período não fica somente no passado, se torna eterno. As fotografias são guardiãs de uma realidade, mesmo que



parcial. De acordo com Kossoy (2001, p. 27), elas têm a capacidade de “registro preciso do aparente e das aparências.”

Por isso, fotografia e memória mantêm entre si uma relação muito forte - e daí a importância de se aliar com a história oral - já que existem justamente para servir à memória, pois se produz uma fotografia para preservar aquele momento de alguma forma – num recorte de papel. E esse objetivo é atingido quando as pessoas que não estavam ali observam a fotografia, trazendo à tona uma cena que os antepassados quiseram preservar.

A memória despertada pela fotografia em cada um ajuda a construir um discurso histórico, já que cabe a cada cidadão e a todos a formação do lugar onde se vive. Cada família que saiu do lugar onde estava, mudando-se para Ivaiporã no intuito de construir a vida, criar os filhos; cada pessoa que com enxada e a serra na mão ergueu sua vida onde nada existia, que se formou ao mesmo tempo que a cidade, tem muito a dizer.

Nesse sentido, dar voz aos atores esquecidos na sociedade é colocá-los em seu devido lugar: de “fazedores” da história e construtores da cultura. Pois mesmo que não apareçam, a história só pôde ser construída graças ao seu trabalho. O poema *Perguntas de um operário que lê* de Bertold Brecht exemplifica perfeitamente:

Quem construiu a Tebas de sete portas?
Nos livros estão nomes de reis.
Arrastaram eles os blocos de pedra?
E a Babilônia várias vezes destruída –
Quem a reconstruiu várias vezes? (...)
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.
Quem os ergueu? Sobre quem
Triunfaram os césores? (...)
Cada página uma vitória.
Quem cozinhava o banquete?
A cada dez anos um grande homem.
Quem pagava a conta?
Tantas histórias.
Tantas questões.³

Um pouco de história

Jovem cidade do centro norte do Paraná, Ivaiporã acolheu pessoas de diferentes lugares em busca de melhoria de vida ou de simplesmente um lugar para viver. Sua ocupação se deu a partir da vinda de pessoas de diversos estados, com o encontro das três frentes de

³BRECHT, Bertold *apud* LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2005



colonização que marcam a ocupação do Paraná: frente tradicional, frente do norte e frente sulista. Cada frente representa uma cultura que ocupou um espaço geográfico diferente. Por isso se fala da existência de “três paranás” que se encontraram na região de Ivaiporã.

Os primeiros a se dirigirem para a região foram os chamados caboclos, no final da década de 30, que se adentravam nas matas e abriam lugares novos no sertão (BOING, 2007). O jeito dos caboclos causou estranhamento nos catarinenses que chegaram ao final dos anos 40. Os caboclos por sua vez estranhavam o jeito de lidar dos catarinenses, que chegavam comprando suas posses de terras e os obrigavam a se dirigir para outros lugares. Para os catarinenses, a terra tinha uma noção de posse, tanto que a família da pioneira Adelina Bitencourt chegou em 1948 em busca de mais terras para comprar, posto que em Santa Catarina a família morava no sítio, “mas existia pouca terra”, conta⁴.

Os imigrantes se dirigiam para a região atraídos pelas terras férteis e os grandes espaços para produzir. A esperança de encontrar um lugar que fosse seu, onde pudessem viver do trabalho na terra atraiu muitos que eram estimulados por aqueles que já ali se encontravam.



Figura 1: Mata da Fazenda Ubá
Fotografia: Autoria e data desconhecidas
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ivaiporã

A mata retratada na fotografia traz consigo a ideia de fertilidade das terras, já que a floresta só cresce em solo fértil. Onde existia mata, podia-se plantar porque a produção era garantida. E os entrevistados contam que de Porto Ubá até Ivaiporã tudo era sertão.

⁴Adelina Bitencourt. Entrevista concedida a Juliana Mastelini Moyses em 27 de julho de 2010



As estradas eram abertas no meio da mata pelos primeiros que ali passaram, derrubando árvores, queimando-as e fazendo picadas.

As matas, à medida em que o lugar foi sendo desbravado, foram derrubadas, abrindo lugar às plantações e às estradas. As enormes árvores, depois de arrancadas com ferramentas manuais como enxadas e picaretas, eram queimadas. Com o objetivo de explorar cada vez mais as terras, o desmatamento prosseguiu. Tanto que a mata foi quase que completamente devastada. O único reduto que restou é o lugar conhecido como Mata do Placídio, nas terras do pioneiro Placídio Miranda, que preservou a mata e hoje se orgulha de guardar em seu sítio o “pulmão de Ivaiporã”.

A fotografia não é datada, mas provavelmente situa-se no final da década de 1940, quando a Companhia Ubá dirigiu-se para a região a fim de lotear os terrenos da Fazenda Ubá, nome do lugar onde nasceu a cidade. O homem ao centro é Bráulio Barbosa, um dos donos da Companhia Colonizadora.

Em 1948, antes da Companhia Ubá se instalar na região, cerca de 200 famílias catarinenses se dirigiram para a região. A ida foi autorizada pelo então governador do estado Moyses Lupion. A família de Adelina Bitencourt chegou ao lugar onde se formaria Ivaiporã com essa leva de catarinenses. Um ano depois era a vez da família de Normélia Braum, incentivada pelo avô que viera em 1948. O avô, ao observar que nas terras recém ocupadas era possível alcançar o que buscavam, tratou de incentivar a vinda dos familiares.

Normélia recorda que as famílias chegavam, escolhiam o terreno que queriam cultivar e já começavam a trabalhar na terra. Mas, além disso, as terras eles compravam das pessoas que já estavam aqui, os caboclos, porém, segundo Normélia, já sabendo que teriam que regularizar a situação das terras depois, já que os membros da Cia. Ubá, cientes da ocupação das terras tratou de avisá-los da ilegalidade das suas ações. Nesta época, a companhia lutava pelo reconhecimento da posse das terras pelo estado.

Os catarinenses como a família de Normélia e de Adelina e mesmo os próprios paranaenses ou de outros lugares que vieram em direção ao Paraná sem sequer conhecer o lugar a que se dirigiam, vieram na cara e na coragem, com base somente naquilo que os outros contavam. O estranhamento com o choque de culturas que se deu na época fica evidente na fala de Normélia se referindo aos “paranaenses”, aqueles que já estavam aqui. Para os catarinenses, os caboclos eram folgados e não tinham inteligência, nem coragem.



As estradas incipientes fizeram com que a viagem de Normélia demorasse uma semana. A viagem foi feita no caminhão de um tio, que um ano antes trouxera também o avô. Eram cinco pessoas na cabine do caminhão, Normélia inclusive com 10 meses de idade, e a mudança na carroceria. O tio que os trouxe aproveitava a viagem para levar milho em espiga para Santa Catarina para tratar a criação.

Normélia conta que a viagem foi difícil, a família inteira apertada na cabine do caminhão durante uma semana de trajeto⁵. Para a família de Maria José Machado, porém, a situação era ainda pior, ela e a família percorreu o caminho que separa Ortigueira e Ivaiporã a pé. O trajeto levou cerca de três dias⁶.

O tio de Maria José que morava na região de Ivaiporã mandava cartas para os parentes de Ortigueira contando as qualidades desta terra. “Ele escrevia pro pai na carta: ‘Compadre Agenor, vem embora pra cá. Aqui junta dinheiro com rodo. As terras são boas, as terras são não sei o quê.’ E foi fazendo a cabeça do meu pai e da minha mãe”, conta Maria José.

No caminho ainda não existia a ponte sobre o rio Ivaí, esta só foi construída por volta de 1970, alguns anos depois do registro abaixo. Aqueles que vinham pelo norte precisavam atravessar o rio de balsa. Se a balsa estava do outro lado do rio, era preciso esperar que ela voltasse à margem em que se encontravam para, então, levá-los ao outro lado. A viagem, que já demorava por causa da incipiência das estradas, atrasava mais ainda na espera pela balsa.

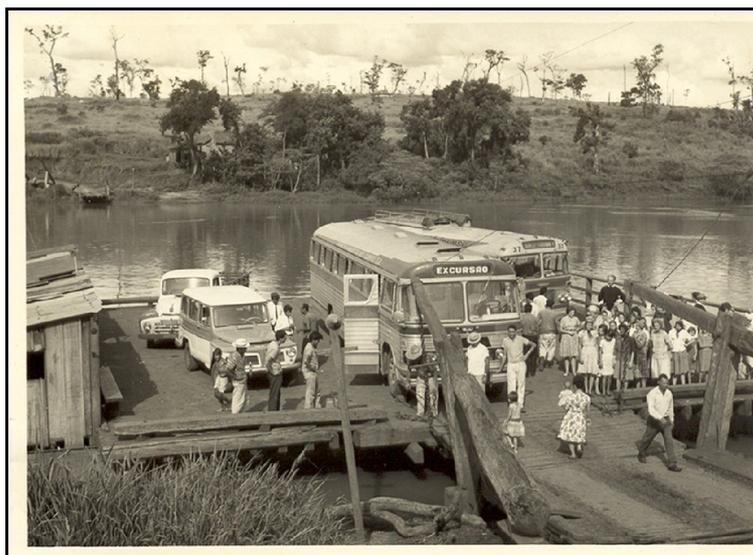


Figura 2: Balsa sobre o rio Ivaí
Fotografia: autor desconhecido. Data: 1966
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ivaiporã

⁵Normélia Braum. Entrevista concedida a Juliana Mastelini Moyses em 16 de outubro de 2010

⁶Maria José Machado. Entrevista concedida a Juliana Mastelini Moyses em 16 de fevereiro de 2011



Quando pela balsa não era possível atravessar, apelava-se para medidas alternativas. Adelina Bitencourt conta que certa vez uma enchente muito forte carregou a balsa. Seu marido, que fora buscar cereais em Apucarana, teve que atravessar o rio por canoa para transportar os mantimentos. A balsa para essa família era fundamental já que eles sempre se dirigiam para Londrina ou Apucarana comprar o que era necessário.

Herondy Anunziato recorda que a balsa era puxada à mão com a ajuda de um pedaço de pau e uma forquilha que formavam uma espécie de gancho passado no cabo de aço que era puxado para atravessar o rio⁷. Pode-se observar os cabos de aço do lado direito da fotografia e um homem de chapéu abaixado ao centro, manipulando uma corrente, provavelmente algum mecanismo da balsa.

A margem do rio Ivaí aparece devastada, mostrando já na década de 60, o desmatamento de onde antes era tudo sertão. A fotografia retrata a caravana das catequistas do Sagrado Coração de Jesus e padres de Prudentópolis para Ivaiporã para a bênção da pedra fundamental da construção do colégio Santa Olga⁸.

Nas décadas de 40 e 50, as pessoas se dirigiam exclusivamente para os sítios, a cidade só se formaria depois. O lugar em torno do qual a cidade foi crescendo possuía umas poucas casas ao longo da atual avenida Brasil. Essas casas eram também vendas nas quais aqueles que moravam nos sítios compravam o que precisavam. A primeira sala da casa era a venda, a família morava nos cômodos do fundo. Os compradores que chegavam a cavalo amarravam o animal nas cercas ao redor da casa.

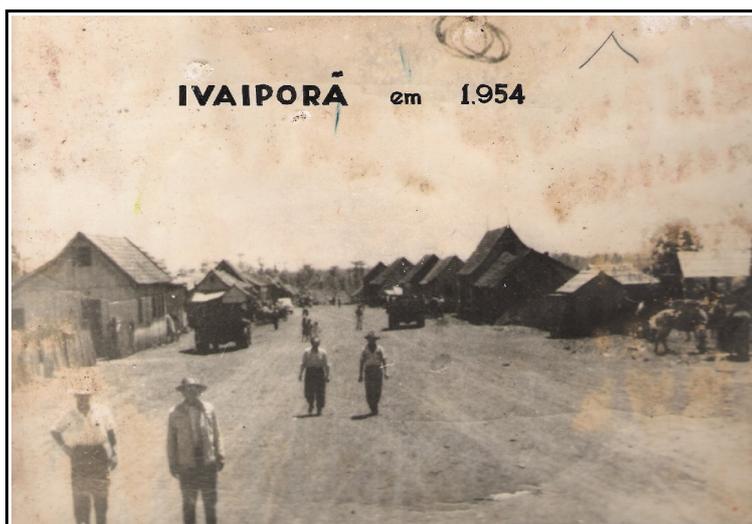


Figura 3: Avenida Brasil
Fotografia: Autor desconhecido data: 1954
Fonte: Acervo Jornal Paraná Centro

⁷ Herondy Anunziato. Entrevista concedida a Juliana Mastelini Moyses em 28 de julho de 2010

⁸ 40 ANOS de História, 1964 a 2004. Revista comemorativa dos 40 anos do Colégio Santa Olga em Ivaiporã.



A fotografia acima é a imagem mais lembrada quando se pergunta como era Ivaiporã no seu início, tempo em que o lugar era chamado de Sapecado. Ao redor dessa rua foi se formando a cidade. Ali se encontravam as casas comerciais e hotéis. A imagem mostra como o terreno era variado, alguns lugares de mata e outros não. Pode-se ver que a floresta é encontrada apenas ao fundo da cena. O lugar onde foram construídas a rua e as casas passou por uma queimada, deixando o terreno limpo. Deve-se a esta queimada a primeira nomeação do lugar, Sapecado.



Figura 4: Avenida Brasil
Fotografia: Autor desconhecido data: 1954
Fonte: Acervo Biblioteca Municipal de Ivaiporã

Nesta outra fotografia também da atual Avenida Brasil é possível observar melhor o estilo das casas. Nelas, encontra-se referência das construções europeias, principalmente alemãs, devido à instalação de migrantes de Santa Catarina, estado que recebeu grandes levadas de alemães. As casas eram construídas com os telhados bem pontudos na Alemanha para que a neve escorregasse e não pesasse em cima do telhado, com o perigo de derrubá-lo. Os migrantes vieram para o Brasil de clima tropical e mantiveram as casas aos moldes que construíam, mesmo sem necessidade. Ao migrar novamente, desta vez para a Paraná, trouxeram o jeito de fazer as casas.

Os telhados são todos feitos de tábuas cortadas pequenas e pregadas umas do lado das outras. Maria José Machado conta que as tábuas eram excelentes para se cobrir a casa. “A tabuinha se pregava e pregava a capa em cima pra não entrar chuva. Podia cair tormenta, podia cair pedra, aquilo só escutava o barulho da chuva lá fora”, explica Maria José.

Do lado direito da imagem aparece um homem descendo do cavalo. Esses animais, juntamente com as carroças representavam os meios de transporte quase que exclusivos na época, principalmente daqueles que moravam nos sítios e precisavam ir para a cidade



em busca de produtos. Os carros eram raros e os únicos que conseguiam se locomover nos terrenos acidentados eram os jeeps. Quem não possuía cavalo ou carroça fazia o trajeto a pé. As mercadorias vendidas ou trazidas de outras cidades eram transportadas por caminhões.

Tanto nessa imagem quanto na anterior, só aparecem homens, todos vestem chapéu. Numa análise primária pode-se supor que o chapéu tinha a única função de proteção do sol, porém a pioneira Tusnelda Goedert conta que o chapéu na época representava a masculinidade, todos os homens precisavam usar chapéu.

Desde essa época até muitos anos depois, na década de 70, não existia energia elétrica, a iluminação era obtida a partir de lampiões a querosene. Nas serrarias, que precisavam de energia para mover as máquinas, o que garantia a energia eram os motores a vapor.

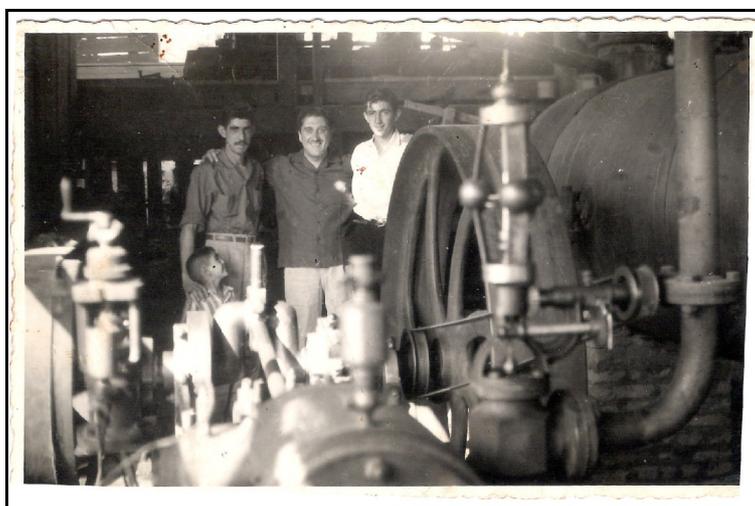


Figura 5: Motor à vapor da Serraria (1962)
Fotografia: autoria desconhecida
Fonte: Acervo da família Martos

Na fotografia aparece o motor a vapor da Serraria Brasil em primeiro plano. O funcionamento do motor era similar ao de uma locomotiva de trem, a lenha era colocada para queimar, o calor produzido pela lenha esquentava a água que então se transformava em vapor⁹. A fotografia é datada de 1962, ano em que a Serraria Brasil iniciou suas atividades, o motor ainda foi utilizado por 15 anos. Mesmo depois da energia elétrica ser instalada na cidade, ela era muito precária e insuficiente, portanto a serraria continuou utilizando o motor a vapor.

Para o restante da cidade, a energia era fornecida por meio de um motor estacionário. As pessoas recebiam energia até a meia noite, depois disso as luzes se apagavam e com ela

⁹ JORNAL Paraná Centro. Edição especial em comemoração aos 48 anos de Ivaiporã. 16 a 22 de novembro de 2009.

o grande barulho do motor. Quando a energia elétrica chegou à cidade, as pessoas estranhavam tanto o silêncio como a nova tecnologia. Inês Ishii conta que mesmo depois de ter luz elétrica em casa, quando levantava de madrugada acendia uma vela para iluminar o ambiente¹⁰.

Fotografia no auxílio à memória

A fotografia é uma mídia que prende a atenção. Para se “ler” uma fotografia é preciso estar de olhos atentos na cena retratada, e a atenção do interlocutor é questão importantíssima quando se pretende obter informações que, para serem descobertas, é necessário recorrer à memória de um acontecimento distante no tempo. A fotografia faz recordar detalhes, pois deixa-os à mostra. Detalhes que o pesquisador, por desconhecimento, não saberia indagar. Neste ponto a fotografia atua como ampliadora de uma realidade até certo ponto escondida. Roland Barthes (1984, p. 37) fala que uma fotografia em si não é animada, “mas ela me anima”.

Normélia Braum, por exemplo, ficou tempo percorrendo sobre a vivência na cidade que ainda demoraria a nascer. Quando o assunto se esvaziava, as indagações faziam recordar. A fotografia cumpria também esse papel, fazia recordar num instante. Mas ia além, ela trazia à tona detalhes perdidos. A fotografia do antigo cinema na área central da cidade despertou até para o filme que se assistia à época e também para o jeito de andar do personagem do filme.



Figura 6: Antigo Cine Ivaiporã na atual avenida Souza Neves
Fotografia: autoria desconhecida
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Ivaiporã

¹⁰ Inês Mitsuko Ishii. Entrevista concedida a Juliana Mastelini Moyses em 26 de julho de 2010.



Mesmo com reações diferenciadas, ninguém fica alheio à fotografia. Seja num relance ou numa desconfiança, a fotografia desperta algum sentimento. Isso aconteceu de forma mais aparente na conversa com Herondy Anunziato. Percebeu-se na sua fala muita influência daquilo que ele lera sobre a cidade, e quando da observação das fotografias, o que apareceu foi o cidadão contando as *suas* experiências.

Assim como Herondy, para algumas pessoas, a fotografia serve de instrumento primordial no auxílio à memória. Odilon Andrade¹¹, por exemplo, dispersava-se nas histórias, querendo sempre recorrer a textos para auxiliar. Logo no início da entrevista, percebendo o não fluir da conversa, passou-se para a apresentação das fotografias. A cena se alterou e ele, que inicialmente contava histórias vagas, começou a lembrar aspectos até então não atentados.

As histórias obtidas junto a Odilon foram, quase que exclusivamente, graças ao uso das fotografias, justamente pela já exposta concentração da atenção que a fotografia exige: é preciso “pegar”, prender o olhar, atentar a cada detalhe. Ela exige isso. Ao se olhar uma fotografia, ela requer toda atenção. A observação detalhada pressupõe tal exigência.

Até determinadas entrevistas, todas as fotografias eram entregues juntas aos entrevistados. Isso demonstrou certa limitação já que as pessoas ficavam instigadas a olhar a próxima fotografia e não deixavam um tempo à memória. Assim que as lembranças diminuía, a tendência era passar para a próxima fotografia.

A partir da entrevista com Maria José Machado, a mostra de fotografias foi feita de forma diferente. As fotografias eram dadas uma a uma, e mesmo com silêncio, não se abandonava aquela fotografia. É preciso um tempo para que as informações sejam organizadas no pensamento e estejam prontas para serem verbalizadas. A memória necessita de um tempo.

Sem auxílio de questionamentos ou direcionamento, Maria José começou a contar sua história, em que cada informação se tecia com riqueza de detalhes. Maria José, sem que fosse preciso perguntas, contou aspectos capazes de reconstruir visões sobre a história da cidade. As fotografias, na conversa com Maria José tiveram o papel de despertadoras para novos relatos, além de confirmadoras de histórias já contadas. Com Maria José, fotografia e memória se fundem para aprofundar lembranças.

A fotografia da primeira capela de Ivaiporã, por exemplo, despertou em Maria José a recordação do casamento de sua prima, cuja referência já havia feito, mas de forma

¹¹Odilon Andrade. Entrevista concedida a Juliana Mastelini Moyses em 18 de fevereiro de 2011

genérica. Nessa época, quando o lugarejo ainda se chamava Sapecado, a igreja se encontrava onde atualmente é o Largo Dom Pedro II, no centro da cidade.



Figura 7: Primeira capela
Fotografia: autoria desconhecida
Fonte: Acervo Biblioteca Pública de Ivaiporã

A igreja era pequena, toda em madeira e rodeada pela mata. Maria José conta que a prima casou nesta igreja, para onde foi levada a cavalo do sítio onde moravam para a confissão na sexta-feira, dia anterior ao casamento.

Além disso, a fotografia atua para os entrevistados também como uma espécie prova daquilo que já fora dito. Muitos, ao verem a fotografia após os relatos, retomavam o assunto para explicitar, por outro sentido (a visão) aquilo que transmitiram e se percebe através da audição. Como diz Barthes, numa fotografia jamais se pode negar que *a coisa esteve lá*, pelo menos isso ela garante. “Era *certo* que isso existira: não se tratava de exatidão, mas de realidade: o historiador não era mais o mediador [,,] o fato estava estabelecido sem método”. (1984, p. 120). A história dos entrevistados então se torna contundente, comprovável. Sua memória parece ser atestada com a fotografia, meio que estabelece uma relação direta com o momento contado/retratado. Sua história sendo confirmada pela fotografia se torna motivadora para novas histórias.



Além disso, Barthes (1984, p. 130) acrescenta que as pessoas têm uma certa resistência para acreditar no passado, na História. A fotografia faz cessar essa resistência: “o passado, doravante, é tão seguro quanto o presente, o que se vê no papel é tão seguro quanto o que se toca. É o advento da Fotografia [...] que partilha a história do mundo”.

Os próprios entrevistados demonstravam a importância da fotografia. Inês Ishii, por exemplo, ao vasculhar a caixa de fotografias pessoais e falar da alegria que uma fotografia traz, lamentou não possuir nenhuma fotografia da mãe. Isso faz referência ao pensamento de Barthes, na fotografia não se pode negar que aquilo ou aquela pessoa existiu, mas quando Inês não estiver mais viva, e talvez seja a única que guarde recordações da mãe, a mãe também de certa forma vai morrer de novo.

O que será abolido com essa foto que amarelece, empalidece, apaga-se e um dia será jogada no lixo, se não por mim - muito supersticioso para isso -, pelo menos quando de minha morte? Não somente a 'vida' (isso estive vivo, posado vivo diante da objetiva), mas também, às vezes, como dizer? o amor. Diante da única foto em que vejo meu pai e minha mãe juntos, que sei que se amavam, penso: é o amor como tesouro que desaparecerá para sempre; pois quando eu não estiver mais vivo, ninguém poderá mais testemunhá-lo... (BARTHES, 1984, p. 140)

De outra forma, Maria José Machado também fala dessa importância da fotografia. Ela gosta de ir a um determinado supermercado da cidade para observar os quadros com fotografias antigas expostos nas paredes. Essa atitude demonstra um pouco aquilo que se buscou analisar nesta pesquisa, a importância da fotografia para a memória: as fotografias trazem lembranças de um tempo que deixou saudades.

Considerações finais

A fotografia não desperta os mesmos sentimentos em todas as pessoas, cada um reage de uma maneira, trazendo nessa reação muito de suas características pessoais. Falar de ser humano é falar das peculiaridades e não de generalizações. “Essa foto me agradava? Me interessava? Me intrigava? Nem mesmo isso. Simplesmente ela existia (para mim).” (BARTHES, 1984, p. 40)

Cada um atenta para um fato, para uma característica. E faz isso de forma a valorizar os aspectos que mais lhe dizem respeito. Saber aquilo que se refere a cada um é descobrir aos poucos o que diz respeito a todos.



Neste sentido, contar a história do casamento da prima de Maria José e *ver* a igreja do Sapecado é falar e ver um pouco dos tantos outros casamentos que foram celebrados ali. É falar do senhor que comprou o porco para que o sanfoneiro pudesse ser contratado para tocar na festa. É falar da família de Adelina que possuía o armazém de Secos e Molhados e, quem sabe, vendeu as bebidas para a festa. É também falar um pouco da Normélia, que ia a cavalo até a cidade. É falar da Tusnelda que alfabetizou os noivos, do Odilon que medicou os que precisassem, do Herondy que realizava o casamento no cartório. É também ver um pouco da Serraria da Inês. E é, principalmente, ver muitos outros que viviam essas mesmas realidades e construíram, mesmo sem saber, a cidade que é o lugar comum de tantos cidadãos.

REFERÊNCIAS

- 40 ANOS de História, 1964 a 2004. Revista comemorativa dos 40 anos do Colégio Santa Olga em Ivaiporã.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
- BOING, Lúcio. **Vale do Ivaí**: conflitos e ocupação das terras regionais, 2007 (Apresentação de Trabalho/Comunicação). Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/582-4.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2010.
- BONI, Paulo César (Org.). **Certidões de Nascimento da História**: o surgimento de municípios no eixo Londrina – Maringá. Londrina: Planográfica, 2009.
- BRECHT, Bertold *apud* LÖWY, Michael. **Walter Benjamin- aviso de incêndio**: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005
- IVAIPORÃ. **Lei Orgânica do Município**. Câmara de Vereadores.
- JORNAL Paraná Centro. Edição especial em comemoração aos 48 anos de Ivaiporã. 16 a 22 de novembro de 2009.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001
- KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- LAZIER, Hermógenes. **Paraná**: terra de todas as gentes. Francisco Beltrão, 2003, p. 154 *apud* BOING, Lúcio. *Vale do Ivaí* : conflitos e ocupações de terras regionais, 2007 (Apresentação de Trabalho/Comunicação). Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/582-4.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2010.
- LÖWY, Michael. **Walter Benjamin- aviso de incêndio**: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005
- QUIEZI, Simone Aparecida. **Companhia Ubá**: colonização e ocupação do território entre os rios Ivaí e Corumbataí (1939-1970). Trabalho apresentado para a conclusão do curso de Pós-Graduação em História da FAFIMAN. Mandaguari, 1999.
- REVISTA **Ivaiporã**: sua história e sua evolução, 1988